







SERMAM

DO ESPOSO

DA MAY DE DEOS

S. IOSEPH.

NO DIA DOS ANNOS

DELREY NOSSO SENHOR

DOM IOAM IV.

Que Deus guarde por muytos,
& felicissimos.

Pregon o na Capella Real

O P. ANTONIO VIEIRADA COMPANHIA
de I E s v Prègador de S. Magestade.

Com todas as licenças necessarias.

EM LISBOA

Por Domingos Lopes Rosa. Anno 1644.

SEKAM

DO ESTORSO

DA VAY DE DEOS

SIOPREN

NO DIN DOY UNOS

DE ERY NOSSE ENHOR

WADI FOAM IN

THESE GUYE FOR UNOS

SEKAM

WADI FOAM IN

THESE GUYE FOR UNOS

SEKAM

WADI FOAM IN

SEKAM

THESE GUYE FOR UNOS



ONHOV Ioseph [Muy altos, & muy poderosos Reys, & Senhores nossos] G enes. 37.
sonhou Ioseph, o que depois foy Vizo-
rey do Egypto, que o Sol, a Lua, as es-
trellas abatendo do Ceo a terra a Ma-
gestade luminosa de seus respaldos,
humildemente postrados o adorauão.

Quis interpretar este sonho seu pay, & disse, q̄ elle Iacob
era o Sol, Rachel sua esposa a Lua, seus filhos desde Rubẽ
a Benjamin as estrellas, & que viria tempo a Ioseph, em q̄
Deus o leuantaria a taõ soberana fortuna que seu mesmo
pay, sua mãy, & seus irmãos, com o juelho em terra o ado-
rassem. Os Doutores commumente tem esta interpretaçãõ
do sonho por verdadeira; mas o certo he que hum Ioseph
foi o que sonhou, & outro Ioseph foy o sonhado. O Ioseph
que sonhou foi Ioseph o filho de Iacob; o Ioseph son-
nhado foy Ioseph o esposo de Maria. O Ioseph filho de Ia-
cob sonhou somente; porque ainda que digamos, que em
seu pay o adorou o Sol, & em seus irmãos as Estrellas, he
certo q̄ em Rachel sua mãy lhe faltou a adoraçãõ da Lua,
porque quando Iacob, & seus filhos adoraraõ a Ioseph no
Egypto ja era morta Rachel, & ficaua sepultada em Belẽ.
Segue se logo, que o Ioseph verdadeiramente sonhado foi
Ioseph o esposo de Maria, porque nelle se compriraõ ca-
balmente todas as partes do sonho. Adorou a Ioseph o Sol
porque a titulo de sogeição filial lhe guardou reuerencia,
& acatamento o mesmo Sol de Iustica Christo: *Et erat* Luc. 2.
subditus illis: adorou a Ioseph a Lua, porq̄ o titulo de ver-
dadeira esposa lhe deu eo obediencia, & amor aquella se-
nhora, que he como a Lua fermosa: *pulchra ut Luna*: adora-
raõ a Ioseph as Estrellas porque o titulo, ou reputaçãõ de
pay de seu Mestre o respeitaraõ com grande veneraçãõ Cant. 6.

os Apóstolos, aquelles de quem diz o Spirito Santo: *Fulgurunt quasi stella in perpetuas aternitates.* E quando sò a Virgem Maria adorassê a Ioseph seu espozò, nesta sò adoraçãõ se cõpria todo o sonho inteiramêre; porq̃ nella o adoraua o Sol, nella a Lua, nella as Estrellas: o Sol. *Mulier amicta Sole,* a Lua, *Luna sub pedibus eius,* as estrellas: & *in capite eius corona duodecim Stellarum.*

Dan. 12.

Apoc. 12.

Este he S. Ioseph, senhor, & este he o soberano Planeta, q̃ predominou neste fermoço dia, dia em que com o felicissimo nacimiento de V. Mag. naceu outra ves aos Portuguezes a esperança, ao Reyno aliberdade, & Portugal a sy mesmo. Iusto era que ao nacimiento de tão grande, & nouo Rey melhorassê suas cõstellaçõs o Ceo, & lhe assitissê nõnos, & maiores Planetas, Nos nacimêtos dos outros Principes & Monarchas do mûdo, ou predomina o Sol, ou predomina a Lua, ou predomina algũa das Estrellas; mas neste nacimêto singular, para q̃ fosse mais felice q̃ todos, predominou hum Planeta nouo, & superior, aquê o Sol, aquem a Lua, aquê as estrellas adoraõ. Parecerá isto modo de falar, & cõsideraçãõ sò minha, mas he doutrina muy affentada, não menos q̃ de sdo antiquissimo Tortuliano. Notou este grande Doutor, q̃ os Magos no nacimiento de Christo não renũciarãõ a astrologia, mudaramna. Antes de Christo nacer obseruauãõse as estrellas do Ceo, depois de seu nacimiento obseruauãõse as estrellas de Christo. *De Christo est Matheſis hodie, Stellas Christi non Saturni, & Martis obseruat.* Parece que para este dia forãõ cortadas estas palauras. *De Christo est Matheſis hodie: a astrologia do dia de hoje he de Christo: Stellas Christi non Saturni, & Martis obseruat: não obseruamos estrellas de Matte, ou de Saturno, cujos iuzos sãõ tam errados como fabulosos seus nomes; obseruamos hũa Estrella de Christo, Estrella aquem todas demais adoraõ, que he, não Ioseph o filho de Iacob, senãõ Ioseph o filho de Dauid: *Ioseph fili Dauid noli timere.**

Tertul.

Sendo pois tam superior a Estrella deste dia, sendo taõ diuino o planeta deste nacimiento, quaes seraõ, ou quaes feriaõ

serião suas influencias? Ora eu para satisfazer a todas as obrigaçoens desta solemnidade, & para que com deuoto agradecimento conheçamos os Pottuguezes o muyto, que deuemos ao diuino Espofo da Virgem, pretendo mostrar Loj, com algũa euidencia, que a liberdade a que este Reyno se restituiu, & todos os bens, que com ella gozamos, são & foraõ influencias de Sam Ioseph. Tudo o que auia mister, & tudo o que podia dezejar influyõ neste seu dia a Portugal este soberano Planeta. Tudo o que Portugal ha- uia mister, & tudo o que podia dezejar era ser Reyno, & ter Rey. Porque ainda que na realidade hũa, & outra cousa tinhamos, nem o Reyno sem Rey era Reyno, nem o Rey sem Reyno, era Rey. Pois que fez neste seu dia Sam Ioseph? para que o Rey tiueisse Reyno influiu ao Reynõ restituição de liberdade. E para que o Reyno ti- ueisse Rey influiu ao Rey calidades, & perfeiçoẽs Reaes. Esta será a materia. Para fundamento, & proua de toda el- la, não quero mais que ametade das palauras do thema: *Ioseph fili Dauid*. Todas as palauras do Euangelho seraõ pro- ua destas duas: & estas duas palauras seraõ repostas de to- das as duuidas do Euangelho.

Ioseph fili Dauid noli timere.

E Stando cuidadoso, & affigido Sam Ioseph entre as perplexidades do Mysterio da Encarnação, cu- jos effeitos via, & cujas causas ignoraua, diz o nosso Euangelista, que lhe apareceu hum Anjo em sonhos, o qual lhe disse assi. *Ioseph fili Dauid noli timere*. Ioseph filho de Dauid não temas. Depois pode ser que pondere, o não temas, agora reparo somente no filho de Dauid. Filho de Dauid Ioseph a estas horas! cõ que fundamento? se a soberania daquella prosapia estaua ja tam enuelhecida, ou tão enuilecida em Ioseph, que o sceptro Real de Dauid pella injuria, & inconstancia dos tempos tinha ja degenerado

Chrysol.

em suas mãos a instrumentos mecânicos, como lhe chama
filho de Dauid o Anjo? chame-lhe o que he, não lhe chame
o que foi, que isso ja não lembra. São Pedro Chryfologo
respondeu a esta duvida cõ hũas palauras, q̄ sendo escritas
em Italia ha oitocētos annos, parece, que se escreueraõ
em Portugal de tres a esta parte. *Videtis fratres in persona ge-
nus vocari, videtis in vno totam profapiam nuncupari, videtis in
Ioseph seriem dauidici stemmatis iam citari. Trigesima octaua ge-
neratione natus quomodo Dauid filius dicitur, nisi quia gen'is ape-
ritur arcanum, fides promissionis impletur.* Largas mas diuinas
palauras! Chamou o Anjo a S. Ioseph filho de Dauid sen-
do a trigessima oitaua geraçãõ daquelle Rey (dis Cryfo-
logo) para que se lembrasse o Santo das profecias antigas,
& entendesse que o Reyno de Israel tiranizado pellos Ro-
manos, em seus ditozos tempos se restituia a seu legitimo
successor, conforme o iuramento feito a el Rey Dauid pri-
meiro fundador daquelle Coroa: *Iurauit Dominus Dauid ve-
ritatem & nõ frustrabitur eũ de fructu ventris tui ponã super sedẽ
tuam.* Donde he bem que notemos as palauras do iurã-
mento, nas quais diz Deos a Dauid, que o fruto do seu vẽ-
tre se assentaria no trono Real de Iuda: *de fructu ventris tui
ponam super sedem tuam.* Se Deos fallara com algũa Raynha
parece, que estaua dito com propriedade: o fruto do teu
ventre se tornará a assentar no trono Real; mas fallãdo cõ
hum Rey? fallando com Dauid? sy: porque como diz San-
to Ireneo Tertulliano, & S. Agostinho, quis Deos signifi-
car, que quando o Reyno se restituisse hauia de ser
preferindo a linha feminina à masculina, como verdadei-
ramente aconteceu, porque ainda que Ioseph, & Maria
eraõ filhos de Dauid, Christo q̄ foi o Rey prometido era
filho de Dauid por Maria, & não por Ioseph. O caso he
tãõ semelhante ao do nosso Reyno, que não necessita de
acomodaçãõ. De maneira que temos a restauraçãõ de hũ
Reyno tiranizado, restituído depois de muytas gerações
a seu legitimo Senhor preferindo na successãõ a linha
feminina à masculina, & tudo conforme as profecias anti-
gas

Iren.
Tertul.
August.

gas, & iuramêto do primeiro fundador do Reyno. Ha propriedade mais propria? pois estas forão as primeiras influencias do nosso grande Planeta. Para que o Rey, que hoje nacia tiuesse Reyno, influir ao Reyno restituição de liberdade. E ninguem me diga que se não proua, que forão isto influencias suas; porque os Planetas quando dominão influem conforme suas calidades, & sendo este o dia, & estas as calidades de S. Ioseph, não se pode negar q forão estas suas influencias.

Esta he a primeira rezaõ do *fili David*. Para a següda difficulto as mesmas palauras com diuersa ponderação. Este Anjo que aqui appareceo a S. Ioseph, tornoulhe a apparecer outras tres vezes: appareceulhe em Belem quando lhe notificou que se desterrasse para Egypto: appareceulhe em Egypto quando o auisou da morte de Herodes: appareceulhe no caminho de Iudea, quando o assegurou, que podia ir viuer a Nazareth; & de todas estas vezes nenhũa lemos que lhe chamasse filho de Dauid. Pois se este titulo de filho de Dauid o não dá o Anjo em nenhũa outra occasião a Sam Ioseph, neste caso de sua perplexidade porque lhe chama Ioseph filho de Dauid: *Ioseph fili David noli timere?* Varias razoens dão os Santos, eu darei tambem a minha, porque a quero prouar. Chamou o Anjo a S. Ioseph nesta occasião filho de Dauid; porque se ouue o Santo nesta tão difficultosa acção com tanta realeza de animo, que bem mostraua, que ainda que a fortuna lhe tirara a coroa da cabeça, tinha muyto de Rey no coração. Chamoulhe filho de Rey, porque vio que se portara muyto como Rey. Esta foy a segunda influencia, que disiamos do nosso Planetta Ioseph neste seu dia. Para, que o Reyno tiuesse Rey influir ao Rey calidades, & perfeições Reais. Bem conheço que parece cousa difficultosa na acção de huns ciumes formar a idea de hum Principe perfeito, mas o descursõ me desempenharà, & não nos hade desfajudar o Euangelho. Vamos com elle.

Ioseph autem cum esset vir iustus, & nollet eam traducere voluit occulte

Matth. 2.

Numer. 19

Numer. 22

occulte dimittere eam. Diz o Evangelista, que vendo São Ioseph os indícios tão manifestos da Conceição de sua esposa, que como fosse varaõ iusto, & a não quisesse entregar à justiça, para q̃ a castigasse conforme a ley. A qui reparo, antes de ir mais por diante. Hũa grande implicação parece que tem este texto. Que quer dizer, que a não quis entregar á Justiça porque era iusto? se dissera que a não quis entregar á Justiça porque era piadoso, então parece que estaua mais propriamente aduertido. Perdoar, não accusar são actos de piedade, não são actos de Justiça. Pois porq̃ troca o Evangelista os termos, & enues de chamar a Ioseph piadoso lhe chama justo: *Ioseph autem cum esset vir iustus?* Chama o Evangelista a S Ioseph, justo, quando fazia hũa tão grande acção de piedade; porque como Ioseph tinha tanto de Rey, *Ioseph fili David*, tinha obrigação de Justiça a ser piadozo; & quem tem obrigação de Justiça a ser piadoso, quando he piadozo he justo. A piedade nos outros homens he piedade, no Principe he Justiça.

Quiz o bom Ladrão q̃ vsasse Christo cõ elle de piedade, & disse assi: *Domine memento mei cum veneris in Regnum tuum.* Senhor lembrai uos de my depois que chegares ao vosso Reyno. Depois que chegares! & antes porque não? Aquem tanto padecia não lhe estaua melhor o socorro antes mais cedo, que mais tarde? si estaua. Pois porque não dis lembrai uos, Senhor, de mi agora, senão depois de chegares a vosso Reyno? A rezão foy, diz Sam Chrisostomo, porque a lembrança, & piedade, que o ladrão pedia antes de Christo ser Rey era fauor, que lhe podia fazer, depois de ser Rey era Justiça, que lhe não podia negar. Foi tam astuto requerente o ladrão, que sendo a sua petição de misericordia, quis que fosse o seu despacho de Justiça. & como os Reys tem obrigação de Justiça a ser piadosos, por isso disse lembrai uos, Senhor, de my, não antes, senão depois de vires ao vosso Reyno, porque a mesma piedade que antes de Christo ser Rey era piedade, depois de ser Rey era Justiça. He verdade que a miseria, que o ladrão padecia

padecia era presente: mas como a misericordia, que espe-
raua, antes de Christo Reynar, era voluntaria, & depois de
reynar, deuida; por isso regulou sabiamente o seu requeri-
mento, não pelo tempo, em que experimenta em sy a ne-
cessidade, senão para o tempo, em q̄ consi-leraua em Chris-
to a obrigação. *Cum ueneris in Regnum tuū.* Não peço a pie-
dade para agora, senão para depois que estiueres no vosso
Reyno; porque ainda que eu a não mereço agora, por ser
culpado, vos ma deuereis depois, por seres Rey. E Christo
que ja na Cruz era Rey, & Christo que ja na Cruz estaua
no seu Reyno, que he o que fez? *Hodie mecum eris in paradiso.*
O ladrao pedia a piedade para depois, porque cuidaua que
Christo ainda não era Rey, & Christo concedeu-lhe a pie-
dade logo, para mostrar, q̄ ja o era. Hoje, hoje estaras comi-
go no paraizo. Como se dissera o senhor. Pedes-me piedade
a titulo de Rey, pois ja ta dou, porque ja ta deno; Rey sou.
E se a piedade nos Reys he deuida, se a piedade nos Reys
he iustica: que muito que se chame iusto, quando foi pia-
dozo, quem tinha tanto de Rey como Ioseph? *Ioseph fili
Dauid.* Sendo piadoso foi iusto, porque perdoando a of-
fensa, q̄ suspeitaua, pagou o que deuia a quem era. O perdã
de sua espoza, foraõ obrigações de seu pay: *Ioseph fili Dauid.*

Et nollet eam trahere, voluit dimittere eam. Não a quis en-
regar á Iustica, quis deixala, & irse. A segunda couza em
que S Ioseph mostrou ser filho de Dauid, foy aquelle *nol-
let*, & aquelle *voluit.* Quis deixala, & não a quis entregar.
Quis, & não quis? O quanto tēdes de Rey, diuino Ioseph!
Em nenhũa coiza se mostra mais o ser de Rey, que em ter
querer, & ter não querer. A liberdade da vontade humana,
como dizem os Theologos, consiste em hũa indifferença,
que se chama quero, ou não quero. Tal hade ser a vontade
Real: liure, & não fogueita. O Principe nem hade ter a sua
vontade fogueita a outrem, nem hade estar fogueito á sua
võtade. Se tē a sua vontade fogueita a outrem, não he Rey
dos seus, se estã fogueito à sua vontade, não he Rey de sy.
Pois para Reynar sobre sy, & sobre os seus, hade ter a von-

tadê em hũa indifferença taõ liure, & taõ senhora, q̃ seja seu o querer, & seu o não querer: *nollet uoluit.*

1. Reg 18.

Quis Deos tirar o Reyno a Saul, & sendo que tinha Saul a Ionatas seu filho herdeiro, não deu Deos o Reyno a Ionatas, senão a David. Pois por que rezão a David, & não a Ionatas? Ionatas era hum Principe muyto generoso, muyto liberal muyto benigno, muyto esfoçado, & sobre tudo era filho herdeiro de hum Rey, que para o respeito dos vassallos importa muyto. David pello contrario era hum pastor, filho de outro, dequê se não sabiaõ mais talêtos que atirar hũa funda, & tocar hũa arpa. Pois por que deferda Deos a Ionatas, & da a Coroa a David? Eu o direi. Diz o texto fallando de David, & de Ionatas: *Anima Ionatae conglutinata est anima David*: que a alma de Ionatas se atou a alma de David. De sorte que ainda que ambas as almas estauão atadas, a que se atou foi a de Ionatas a David, & não a de David a Ionatas. Aduirtio o agudamête S. Gregorio Taumaturgo. *Vincula inferre praestantioris erat, non inferioris, agglutinari autem deterioris. Ita quidem ut vinculis expedire se quodam modo non posset.* E como Ionatas se atou a David, & David a Ionatas nam; por isso tira Deos a Coroa da cabeça a Ionatas, & mete na mão o sceptro a David. Porque Principe, como Ionatas, que áta a sua vontade á vontade do vassallo, tem talento de vassallo, nam tem talento de Rey: & vassallo, como David, que nam sabe atar a sua vontade, á vontade doutrem, ainda que seja hum Principe este tem talento de Rey, nam tem talêto de vassallo. E como Deos reparte os officios conforme os talentos, & nam conforme as calidades; seja vassallo o Principe Ionatas, seja Rey o pastor David. Rey que tenha a vontade atada a outrem nam fas isso Deus.

Greg.

Taum.

E porque rezam importa tanto, que o Principe não seja fogeito á vontade alhea? Por duas refoens; hũa da parte do Rey, outra da parte do Reyno. Da parte do Rey, porque não he Rey, he subdito: da parte do Reyno, porque não he Reyno, he confusam. Começemos por este segūdo.
Quan-

Quando o Sol parou às vozes de Iosué, aconteceram no mundo todas aquellas consequencias, que, parando o movimento celeste, considerão os Philosophos. As plantas por todo aquelle tempo não crefferão: as calidades dos elementos, & dos mistos não se alterarão: a geração, & corrupção, com que se conserua o mûdo, cessou: as artes, & os exercicios humanos de hum, & outro emisferio estiuerao suspensos: os antipodas não trabalhauão; porque lhe faltaua a luz: os de cima cansados de tam comprido dia deixauão o trabalho: estes palmados de verem o Sol que se não mouia: aquelles tambem palmados de esperarem pello Sol, q̄ não chegaua: cuidauão, q̄ se acabara para elles a luz: imaginauão que se acabaua o mundo: tudo erao lagrimas, tudo assombros, tudo horrores, tudo confusoens. Que he isto? quem desordenou a compostura do Vniuerso? quem descompos a harmonia da natureza? donde tanta desordem, donde tanta confusão ao mundo? Sabeis dôde? A escriptura o disse em duas palauras. *Obediente Domino uoci hominis*: obedecendo Deos a voz de hum homem. E em hum mundo onde Iosue manda, & Deos obedece: em hum mundo onde manda o criado, que auia de obedecer, & obedece o Senhor que auia de mandar; que muyto que aja confusoens, que aja desordens, que aja descomposturas: que muyto que na la creça, que nada se obre, q̄ tudo vá para tras: que muyto que os de cima triunfem, & os debaixo chorê: & q̄ nacêdo o Sol para todos, os de cima leuê todas as luzes, & os de baixo todas as treuas?

Iosue 10.

Com grandes exemplos destes se tem infamado o mûdo em todas as idades, & sem pedirmos aos seculos passados as memorias de Galba, nê de Tiberio os nossos olhos são boas testemunhas. Nôs o vimos, & nós o vemos. Pergunto, Portuguezes, vòs que vistes o que padecestes, vos que vedes o q̄ gozais, dôde veo tâta differença em tam poucos annos? A differença não a pondero, porque a vê os olhos; a causa porque a vem, he sò o que pergunto. Sabeis porq̄? porque então tinhamos hum Rey segeito a hũa vontade

alhea, hoje temos hum Rey Senhor das vontades alhea & mais da sua: então tínhamos hū Rey cativo, hoje temos hum Rey liure: então tínhamos hum Rey obediente, hoje temos hum Rey obedecido: então tínhamos hum Rey senhoreado, hoje temos hum Rey senhor. Esta he a differença. Rey senhor digo [& he a segunda rezaõ] porque o Rey fogesto a vontade alhea não he senhor. He Rey subdito, he Rey não Rey.

Quando Christo foi leuado ante Pilatos, perguntou elle aos ministros daquella Iustica: *quid vultis faciam de Rege Iudeorum?* que quereis que faça do Rey dos Iudeos? Responderão os Escribas, & Farisus: *tolle, & ille crucifige eum:* quere-mos que o crucifigues. E que fes Pilatos? *Tradidit cum voluntati eorum:* entregou o a vontade delles. Pergũto agora, quem fes mayor iniuria a Christo em quanto Rey do Iudeos, os Escribas, & Fariseus na sua petiçaõ, ou Pilatos na sua permissaõ? os Escribas em o pedirem para a Cruz, ou Pilatos ã o entregar à sua vôtade? Todos os Doutores cõmumente condenão mais a Pilatos, & cõ muyta rezaõ. Muyto mayor iniuria fes Pilatos a Christo em sua permissaõ do que os Fariseus em sua petiçaõ. Porque os Fariseus no que pedião, mostrauão que Christo era verdadeiro Rey, & Pilatos no que permitia mostraua, que Christo não era Rey verdadeiro. Os Fariseus mostrauão, que era Rey verdadeiro, porque pediam a Christo para a Cruz, & não ha mayor proua de ser verdadeiro Rey, que chegar a dar o sangue, & a vida por seus vassallos. E Pilatos no que permitia mostraua, que não era Rey verdadeiro, porque entregou a Christo á vôtade dos seus, & não ha melhor proua de não ser verdadeiro Rey, que ser Rey entregue a vontade alhea: *Tradidit cum voluntati eorum.* E se não veiamos o que se seguiu. Tanto que Pilatos entregou a Christo a vontade delles, immediatamente o vestirão de hũa purpura de farça, deramlhe hum sceptro de cana, puzeramlhe hũa coroa de espinhos, & faziaõlhe grãdes adorações zõbãdo: *illudebant eidentes, Ave Rex Iudcorum.* De maneira que

que antes de Christo estar foyeito á vontade alhea, ainda em suas bocas, era verdadeiro Rey: *Quid vultis faciam de Rege Iudeorum?* Mas tão to q o entregaraõ a vôtade alhea, logo foi Rey de farça, & de zôbaria: *illudebant ei dicentes Aue Rex Iudeorũ.* Rey entregue a vôtade doutrrẽ, terã purpura, terã sceptrõ, terã coroa, terã adoraçoẽs, mas a pupura não he purpura, o sceptrõ he cana, a Coroa espinhos as adoraçoẽs zombarias: *Illudebat ei dicentes Aue Rex Iudeorũ.* E como he tam grande calidade de Rey ter a vontade sua, & não foyeita; por isso o Anjo chamou a S. Ioseph filho del Rey David, quando o vio tam isento senhor de sua vontade, q era seu o querer, & o não querer: *cum nollet eam traducere voluit dimittere eam.*

Hec autem eo cogitante. Resoluto S. Ioseph a deixar sua esposa, diz o texto, q andava o Sãoto considerando: *Hec autem eo cogitante.* Esta consideraçõ de S. Ioseph me da muyto q cõsiderar, & q reparar. Não estava ja o Sãoto deliberado, & resoluto? Sy estava; que isso quer dizer aquelle: *voluit:* deliberação da vôtade. Pois se a vôtade estava deliberada, & resoluta, que he o que considerava Ioseph? Considerar antes de resolver, isso fazem, ou deuem fazer todos, mas depois de resolver considerar ainda? Sy. Porque as materias de grande importãcia (qual esta era) hamse de considerar antes, & mais depois. Antes de resolver hãse de considerar o caso, depois de resolver hãse de considerar a resolução. Esta differença acho entre a Filosofhia natural, & a moral, & politica; que a Filosofhia natural pede hum conhecimento antes da deliberação: *Nihil volitum quin præ-* Prolog.
cognitum; a Filosofhia moral, & politica pede hum conhecimento antes, & outro depois: hum conhecimento antẽs, que guie a vontade a tomar a resolução, & outro conhecimento depois, que examine a resolução depois de tomada. Assi o fes Sam Ioseph. Conheceu, & considerou primeiro, & logo resolveo: *voluit;* & depois de resoluto, & deliberado tornou ainda a considerar: *Hec autem eo cogitante.*

Genf. 3.

Peccou Adam, escondeuse, & antes de Deos lhe notificar a sentença de desterro, diz o texto, que andaua o Senhor passeando, & fallando consigo no Paraizo: *Audiuu uocem Dei deambulantis*. As vozes, & os passeos tudo era improprio em Deos; porque o fallar consigo encontrava o attributo de sua Sabedoria, & o passear de hũa parte para a outra encontrava o attributo de sua immensidade, & immutabilidade. Pois que obriga a Deos a fallar consigo contra o attributo de infinitamente sabio? que obriga a Deos a passear de hũa para outra parte, contra o attributo de immutavel, ou immouel? Se vinha castigar a Adam, por que o não castiga? Se vinha desterralo do Paraizo, porque o não desterra? Porque? Porque era materia grande, & quila Deos cõsiderar primeiro. Por isso passeava sò, como p̄fatiuo: por isso falava consigo, como irrefoluto. Procedeu Deos em desfazer o homem, como auia procedido em o fazer. Quando o fes, fello com cõselho: *Faciamus hominẽ*: quãdo o desfes, desfello cõ cõsideração: *Audiuu uocẽ Dei deambulantis*. Passear Deos de hũa para outra parte parecia descredito de sua immutabilidade, mas não era senão hõra. Com Deos ser por natureza immouel, & immudavel, honrase muyto de auer hũa cousa, que o possa mudar, & mouer, que he a rezão. E como no caso de Adam hauia rezões por hũa, & outra parte, por isso passeava Deos, & se mouia de hũa parte para a outra, porque de hũa, & outra parte hauia rezoẽs, que o mouessem. As rezões, que hauia para castigar, o leuauão: as rezoẽs, que hauia para perdoar, o trasião. Que me desobedeceffe Adam! Heide castigalo. Esta rezaõ o leuaua. Que haja de deitar do Paraizo hum homẽ, que ainda agora pus nelle! Não o heide castigar: Esta rezaõ o trazia. Fazer hũ homẽ de nada, foi credito de minha bõdade: desfazelo por pouco mais de nada, por hũa maçã, parece demasiado rigor de minha justiça. Ora perdoelhe. Viraua Deos o passeio. Mas que hum homem leuãdo de nada se atreueffe contra quem o criou! he grande soberba! E que hum homem por pouco mais de nada, por hũa

hũa maçã, arrastasse tantos respeitos! he grande engrati-
dão. Não lhe hei de perdoar. Tornava a voltar Deos, & ir-
por diante. De maneira que assi andava o Supremo Rey,
como fluctuando de hũa razão, para outra; considerando
antes de resolver, & depois de resolver tornando a confi-
derar. Bem assi como S. Ioseph neste cazo. Hũa vez sobre
considerado resoluto, & outra vez sobre resoluto confi-
derado: *Hac autem eo cogitante.*

Se fora noutra materia não me espantara muyto, mas
ê materia de ciumes, ê materia, em que lhe não hia menos
que honra, & amor, que não se arrojasse Ioseph, que não se
precipitasse! grande capacidade de animo. La diz Christo Math. 15.
que se hũ cego guia outro cego ambos se despenhão: *Cecus si ceco ducatu praestet, nõ ne ambo infoveã cadent?* Aqui gui-
ou hum cego a outro cego, & não se despenhou nenhum.
O ciume guiava a Ioseph, o amor guiava o ciume, & sen-
do cego o ciume, & cego o amor, não foraõ bastantes do-
us affectos cegos, & tam cegos para que a prudencia de S.
Ioseph se precipitasse. Disse affectos cegos, & tam cegos;
porque os ciumes de S. Ioseph erão fundados nas evidẽ-
cias do que vira, & não ha mais perigosas cegueiras, q as q
tem da sua parte os olhos. Dous olhos, & dous cegos guia-
uão a Ioseph neste cazo, ó que occasiam para hum preci-
picio! & que elle se tiuesse tão firme nos estribos de sua
prudencia; que nem a vista lhe deslumbrasse a cegeira, nẽ
a cegeira lhe escurecetse a vista, para que se arrojasse ingrã-
de valor. Mas era Ioseph filho de David, & quem tinha
tanto de Rey, como auia de ser arroiado?

Quizeraõ matar a Christo os de Cafarnaum, & com este
intento o leuarão a hum monte alto, para dahi o despe-
nharem. Qué faria Christo neste passo? Fesse inuisivel; &
passando occulto pelo meyo delles, escapou de suas mã-
os. Senhor, q resolução he esta? Vos não vistes ao mudo
a morrer pelos homens? Si vistes. Morrer a mãos dos Luc. 4.
mesmos, por quem se morré, ainda he mayor credito do
amor; que seja o instrumento quem he a causa. Pois se
tendes

Math. 45.

tendes tão boa occasiã de dar a vida , porque a não lo-
grais? Porque fogis da morte? Direi, Christo Senhor nos-
so no dia de sua morte tinha determinado tomar o titulo
de Rey , deque na vida fogira : estes homens queriamno
matar arrojando de hum monte abaixo : *Vt precipitarent
eum*; pois por isso o Senhor ainda que dezeiasse muyto
morrer, não admitio este genero de morte: porque não di-
zia bem a aççã de arrojado com o titulo de Rey. Rey, &
crucificado, isso sy: que affas cruz, he o Reynar; mas Rey
& arrojado não: porque encontra o titulo dessa Cruz . Là
outra ves o diabo aconselhou a Christo que se arrojasse el-
le: *mitte te deorsum*. Estes homens aqui quizeramno arrojar
com suas mãos: *ut precipitarent eum*. Mas Christo, nê se fo-
geitou a esta violencia, nem quis tomar aqueille conselho;
porque o Principe, nê se hade arrojar a sy, nem o hade ar-
rojar outrem. Nem por impeto proprio, nem por impulso
alheo. E como he tão grande parte de Rey não ser arroja-
do, por isso S. Ioseph o foy tão pouco nesta occasiã , que
o achou o Anjo temeroso, quando o pudera achar temera-
rio. *Ioseph fili David noli timere*. O que glorioso não temas!
que deçã Anjos afoegar temores em lanço, que deueraõ
decer a resistir temeridades? Mas assi obra quem assi con-
sidera, & assi considera, quem he filho de David. *Hæc autem
eo cogitante*.

La reparamos no *cogitante*, reparemos agora no, *Eo*. *Hæc
autẽ [eo] cogitãte*. Com ser hũa palaura de sòs duas letras, tẽ
muyto, que reparar . Diz o Evangelista, que as considera-
ções que Ioseph fazia sobre este cazo, elle as discorria
comfigo: *eo*, elle . Muito pondera Euthimio que as não
comunicasse com outrem, & tem resãõ. Porque o cuidado
& affliçãõ de S. Ioseph auia mister aliuio, & remedio, o a-
liuio estaua na cõmunicaçãõ, o remedio no conselho: pois
porque se não aconselha S. Ioseph num caso tam duuido-
so, porque o nam communica com outrem? Porque em
materias grandes (como era esta) muytas vezes importa
mais o segredo, que a resoluçãõ. E negocio em que im-
portaua

tanto o segredo, não fora S. Ioseph filho de Dauíd se a cõ-
municata com outrem. Materias em que pode ser perigosa
a falta do segredo, não haõ de sair do peito do Principe nẽ
para o mayor valido, nem para o mayor confidente, nem
para o mayor amigo .

He certo, que perguntou S. Ioaõ a Christo quem era o
traidor que o auia de entregar: he certo que Christo lhe
respondeo: he certo que dormio reclinado em seu peito S.
Ioaõ; mas não he certo quando adormeceo. Pergunto, em
que ponto adormeceo S. Ioaõ? Dizem algũs Doutores, q̃
adormeceo tanto, que acabou de perguntar; de maneira q̃
quando Christo respondeo, já S. Ioaõ estaua dormindo. Fũ
daõ este parecer no text; porque diz absolutamente que
nenhũ dos que estauam á mesa soube o que Christo disse.
Hoc autem nemo sciuit descumbentium. Se nenhum: logo nem
S. Ioaõ. E se Sam Ioaõ, a quem se disse, o não ouuiu: logo
já estaua dormindo. Pois que mysteriõ tene este sono
subito? Que em tal occasiã não podia ser a caso. Porque
adormeceo S. Ioaõ á reposta de Christo? O mysterio foy
este. Vioe Christo Senhor nosso naquella occasiã como
em talas constrãgido a faltar a hũa de duas: ou ao respeito
de amigo, ou a obrigação de Rey. Senão digo a Ioaõ o q̃
me pergunta, falto aos respeitos de amigo: se descubro hũ
segredo de tanta importancia, falto ás obrigações de Rey:
pois que remedio para não faltar ao amor, nem ao segre-
do? O remedio foy, ordenar Christo, que S. Ioaõ adorme-
cesse, tanto que perguntou, para que não pudesse ouuir o
mesmo q̃ lhe respõdia. E desta maneira ficou o Senhor satif
fazendo jutamente as obrigações de Rey, & aos respeitos
de amigo: aos respeitos de amigo, porque respõdeo ao que
Ioaõ lhe perguntara: & as obrigações de Rey, porque não
communicou o que conuinha encobrirse. De sorte que
na boca de Christo, & nos ouuidos de S. Ioaõ est ue o se-
gredo juntamente encuberto, & reuellado: Reuellado na
boca de Christo, como segredo de amigo; encuberto nos
ouuidos de Ioaõ, como segredo de Rey. Tanto deuem os

Principes recatar algum segredo, ainda dos maiores privados, qual era João. E senão considerem-se os inconvenientes que do contrario se figuram. Se o Senhor descubria o segredo a João, João avia de dizer a Pedro, q̄ para isso o perguntava: se João o dizia a Pedro, Pedro avia de natar a Iudas, q̄ a esse fim o queria conhecer: se Pedro mataua a Iudas, não se executava a v̄da, & morte de Christo: & não morrendo Christo ficava impedido o remedio do mundo, o genero humano sem redenção, & o imperio do mesmo Christo frustrado. Ha maiores inconvenientes? De maneira q̄ de se conservar aquelle segredo, q̄ não parecia nada, dependeo a conservação do imperio de Christo. Nam importa menos hum segredo que hum imperio.

Tanto que Christo espirou, rasgouse o véo do templo, em final de que tambem a sinagoga espirava, & se acabava a Monarchia Hebræa. Assim o dizẽ todos os Doutores; mas eu replico. O final sempre hade ter proporção com o que significa, & muita, se he natural: pois que proporção tinha rasgar-se o véo do templo com se aver de acabar o imperio

da Sinagoga? Grande proporção diz Sam Leão Papa: *Sacrum illud mysticumque secretum, quod solus Summus Pontifex iussus fuerat intrare, reseratum est.* Aquelle véo do templo era a cortina que cobria o Sancta sanctorum, onde estavaõ escondidos os secretos, & mysterios daquella ley, vedados a todos, & sò ao Sũmo Sacerdotes permitidos: & por isso tinha grãde proporção rasgar-se o véo do templo para significar q̄ se acabava a Sinagoga; porque não ha mais proprio final de se acabar hum imperio, hũa monarchia, q̄ romperem-se as cortinas dos seus mysterios, & rasgarem-se os véos de seus segredos. Os Reynos, & as monarchias sustentam-se mais do mysterioso, que do verdadeiro: & se se manifestam seus mysterios, mal os defendẽ suas verdades. A opinião he a vida dos imperios, o segredo he a alma da opinião, A prevenção sabida ameaça a hũa sò parte, secreta ameaça a todas. Os intentos ignorados suspendẽ a attenção do inimigo, manifestos laõ a guia mais segura de seus certos.

certos. Reyno cujas seleções primeiro forẽ publicas, q̃ executadas; ò q̃ perigosa cõjeitura tẽ de sua conseruação!

Que bem entendia esta politica elRey David. Leuantou se Absalão com o Reyno, começou a fazer grandes leuas de gente, grandes exercitos contra Dauid; & Dauid q̃ faria contra Absalão? Chamou Chusay hum grande seu conselheiro, disse lhe, que se passasse a confidencia de Absalão, & que como fosse admitido aos conselhos, lhe reuelasse, por vias occultas, tudo o que lá passasse: *Omne verbum quodcumq̃, audieris de domo regis indicabis*. Isto fez Dauid, & não fez mais. Pois Dauid; se vem contra vós, tão numerosos exercitos de Absalão, porque não fazeis tambem exercito? E já que vos descuidais destas preuenções, a q̃ fim mandais lá Chusay? Que ha de fazer hum homẽ cõtra Absalão? Obrou Dauid como soldado tão experimentado, & como Rey tão politico. Querẽdose opor ao poder de Absalão, tratou sobre tudo de lhe meter hum confidente seu no conselho, porque entendeo que mayor guerra fazia a Absalão cõ hũ homẽ q̃ lhe rõpesse os seus segredos, q̃ cõ muitos mil homẽs, q̃ lhe rompelles os seus exercitos. Hũ exercito roto pode e refazer; mas hũ segredo roto não se pode remediar. Hũ exercito roto pode se refazer com soldados, hum segredo roto não se pode soldar com exercitos. Qualquer grande poder sem segredo he fraqueza: & a mesma fraqueza com segredo he grande poder. Em quanto Sansam encobrio o segredo dos seus cabellos, destruiu exercitos inteiros; como descubrio o segredo a Dalida, cortaram lhe os cabellos os Filisteus, & poderão atar aquellas valentes mãos, de quem tantas vezes forão vencidos. O q̃ grande exemplo do poder do segredo! De maneira que sete cabellos, com segredo, fazião tremer exercitos armados; & esse mesmo poder, que fazia tremer exercitos armados, sem segredo, bastou hum golpe de hũa tesoura para o desbaratar. Por isso Dauid contra Absalão tratou de lhe conquistar os segredos, & não de lhe vencer os exercitos. E se tanta estimação fazia de hũ segredo Dauid, porq̃ era Rey,

2. Reg. 15.

Judic. 16.

que muito que fizesse tanta estimação do segredo Ioseph, porque era filho de David? *Ioseph filii David.*

Fez tão grande estimação do segredo S. Ioseph, q̄ nam sòmente o não fiou de outrem, mas tambem não o fiou de si. Para bem se guardar o segredo, não sò o auemos de recatar dos outros, mas tambem o auemos de recatar de nòs. O meu segredo há o de saber algũa parte de mi, mas todo eu não o hei de saber. Hei de fazer hum repartimêto entre eu, & mi, & se o souber ametade de mi, nam o hade saber a outra ametade. Parece doutrina paradoxo, & he conselho expresso de Christo. *Cum facis elemosinam nesciat sinistra tua quid faciat dextera tua.* Quando fizeres algũa esmolla com a mão direita, nam o saiba a mão esquerda. Pergunto; & porque nam disse Christo, quando fizeres algũa esmolla com a mão esquerda, nam o saiba a mão direita? Porque a mão direita he mais nobre, a mão esquerda menos: & da mais nobre fiou Christo a liberalidade, da menos nobre desconfiou o segredo. O segredo a ninguém; mas auendo de ser, às mayores calidades. Diz, pois, Christo: O que souber a mão direita, não o saiba a esquerda. Como se dissera: Auéis de fazer hum repartimento entre vòs, & vòs, & o segredo que souber aquella ametade que chega da mão direita até o coração, nam o saiba a outra ametade, que chega do coração até a mão esquerda. Assi o fez Sam Ioseph. O seu segredo sabia o parte de Sam Ioseph; mas todo Sam Ioseph nam o sabia. Sabia o a parte mais nobre d'alma, cõ suas potencias; mas não o sabia a parte menos nobre do corpo cõ seus fêtidos. Sabião o as potencias d'alma, porque o sabia a vontade, *Voluit*, & o entendimento, *Cogitante*; mas nam o sabiam os sentidos do corpo, porque nê a boca o pronüciou, nê os olhos o significaram, nem em outro algum sentido se vio indício. Donde se verá a razam porque o Anjo appareceo a Sam Ioseph em sonhos: *Angelus Domini apparuit in somnis Ioseph.* E porque nam acordado, senam dormindo? Porque como Sam Ioseph fiara o segredo sò às potencias

d'alma

d'alma, & nam aos sentidos do corpo, aguardou o Anjo a que os sentidos estivessem dormindo para acudir ao remedio, sem violar o segredo. *Angelus Domini aperuit in somnis Ioseph quod nulli fuerat ipse confessus, se a inclusum tantummodo mente volubat;* disse aduertidamente S. Ioaõ Chrylostomo. Tanto recato guardou S. Ioseph, & tanto respeito o Anjo a hum segredo.

Chrystos

Hac autem eo cogitante, ecce Angelus Domini apparuit in somnis Ioseph. Estando Sam Ioseph cuidando nestas cousas, appareceolhe hum Anjo em sonhos, diz o Euangelista. Notaue! consequencia! Se sonhaua, logo dormia, & se dormia como cuidaua? Dormir, & cuidar juntamente, parece que nam pode ser. Pois se estaua cuidando: *Hac autem eo cogitante;* como estaua juntamente dormindo: *Ecce Angelus Domini apparuit in somnis Ioseph?* Dormia, & mais cuidana Sam Ioseph, porque era filho de Dauid. Esta differença faz o sono dos Principes ao dos outros homẽs; que os Reys cuidam dormindo, & dormem cuidando. O sono dos Reys he hum sono desuelado, he hum dormir cuidadofo, hum descansar inquieto, hum desfater aduertido, hum descuidarse vigiando. Nos outros homẽs o sono he prifam dos sentidos; nos Reys he diffimulaçãõ sòmente. Por isso ao Leaõ lhe deram o Imperio dos Animaes, porque dorme com os olhos abertos. Nenhum Rey fechou os olhos, que lhe nam fizeffe centinella o coraçam. *Ego dormio, & cor meum vigilat:* dizia o Rey mais sabio.

Dormindo estaua Faraó, quando vio aquelle sonho admirauel das sete vaccas fracas, q̃ comiaõ as sete robustas, em q̃ se significanaõ os sete annos de fartura, & os outros sete de fome, q̃ auiam de succeder no Egypto. Era Rey, por isso lhe inquietauam o sono estes cuidados. Quatorze annos antes leuaua Pharaó adiantado o gouerno de seus vassallos, & já entam sonhaua cõ seus bẽs, & o desuellanaõ seus males. Isto he dormir como Rey. Nos outros homẽs, o sono he hũa morte: nos Principes, o sono sam duas vidas. Pharaõ acordado viuia no tempo presente, dormindo vi-

Genes. 42.

uia no presente, & mais no futuro: no presente por duram, no futuro por cuidado. Mais via Pharaõ dormindo com os olhos fechados, que acordado com os olhos abertos: acordado com os olhos abertos via o que já era, dormindo cõ os olhos fechados, via o q̃ ainda não era, e por que auia de ser. Fechou os olhos para dobrar a esfera da vista. Cõ os olhos abertos via poucos espaços de lugar, cõ os olhos fechados alcançaua grandes distancias de tempo. Affi dormia o Rey do Egypto Pharaõ. E o Rey dos Affirios Nabuco como dormia? Dormia sonhando com o seu Reyno, & com os estranhos. Vio Nabucodonosor aquella prodigiosa estatua, que representaua os quatro Imperios dos Affirios, dos Persas, dos Gregos, & dos Romanos; o corpo estaua descuidado, com os sentidos presos, & a alma andaua cuidadosa, leuando, & derrubando estatuas, fatasiando Reynos, & Monarchias. Mais fazia Nabucodonosor dormindo, que acordado: porque acordado cuidaua no gouerno de hũ Reyno, & dormindo imaginaua na successão de quatro. Pois se Nabuco era Rey dos Affirios, quem o metia com o Imperio dos Persas, com o dos Gregos, com o dos Romanos? Quem? A obrigação do officio que tinha. Era Rey, & quem quer conseruar o Reyno proprio hade sonhar com os estranhos. Do Reyno proprio ha ter cuidado, & os Reynos alheos lhe haõ de dar cuidado. Ninguem gouernou bem o seu Reyno, que não attendesse ao gouerno de todos. O bom Rey tem por esfera o mudo. He Rey do seu Reyno pelo dominio, & Rey de todos os Reynos pelo cuidado. E como o dormir, & o cuidar naõ he contrariedade nos Reys, senaõ natureza, ou obrigaçam quando menos; tendo Sam Ioseph tanto de Rey, não he muyto que estiuesse cuidando, & dormindo juntamente. *Hæc autem eo cogitante ecce Angelus Domini apparuit in somnis Ioseph.*

Ora eu nam me espanto tanto de que Sam Ioseph dormindo cuidasse, senaõ de que cuidado dormisse. Que dormindo pudesse ter tais cuidados não me espanta, mas que tendo

tê lo tais cuidados pudesse dormir, isto me admira. O certo he que tanto mostrô S. Iosepha a realza de seu animo em dominio poder ter tais cuidados, como em têdo tais cuidados poder dormir. No meio dos maiores cuidados ter magnanimidade de coraçõ para dar algũ aliuio aos sentidos, tambem he parte de Rey.

Transfigurou se Christo no monte Tabor, dando hum bom dia a sua hamaui lade sagrada, o melhor que nesta vida teue; eçam em que sempre reparei muito, nam tão pelo descostume, quanto pelo tempo. O tempo em q Christo se transfigurou foy quando trazia mais entre mãs os negocios da redempçam do mundo, & andaua em vesporas de a coclair, como bem mostraram as praticas que teue cõ Moyfes, & Elias. Pois Senhor meu, se andais com hũ negocio de tanta importancia entre as mãs, se andais em vesporas de concluir não menos, que a redençaõ do mundo, como vos ides ao retiro do monte Tabor? Como tomais horas de recreaçã? Como vos pondes a ouuir vozes do Ceo? No meio de tão grandes cuidados esse diuertimêto? S. Foy Christo alegrarse ao monte Tabor, quando mais cuidadosamente trataua o negocio da redempçaõ, para mostrar que não he contra a obrigaçã de Rey, nê de Redemptor, no meio dos maiores cuidados tomar hum dia de monte. *Duci in montana pars regni est:* disse discretamente S. Hieronymo. Tomar hum dia de monte, tomar hũa hora de recreaçã, no meio dos maiores cuidados, tambem he parte de Rey. Descançar para cançar mais, antes he ambiçã de trabalho, que desejo de descanso. Quando as potências d'alma estaõ tão fatigadas, justo he que se dê algum aliuio aos sentidos do corpo. Mas reparo nas palauras do Santo *Pars regni est.* Se differa S. Hieronymo, que os moderados passatempos, sam priuilegios das magestades: se differa, que sam gages do poder supremo: que saõ diuertimentos licita, & honestamente soberanos; bem estaua. Mas dizer, que sam calidades de Rey, & parte de reynar: *Pars regni est?* Si, Porque o principal attributo de reynar he at-

Matth 17.

D. Hieron.

tender ao cuidado do Reyno; & tambem he parte de at-
tender aos cuidados, descuidar-se por hum hora delles. Pa-
ra digerir onegocio, he necessario desafogar o animo: parte
he logo de cuidado o diuertirse, quando o recrear os sen-
tidos, vem a ser habilitar as potencias. Nam quero outra
proua mais q̃ a do nosso Euangelho. Dous estados teue São
Ioseph neste seu caso, hum de cuidadoso quando imagi-
naua, outro de diuertido quando dormia. Pergũto. E quã-
do resolveo Sam Ioseph o negocio que tanta pena lhe da-
ua? Quando? Quando se diuertio hum pouco delle. Quan-
do cuidadoso imaginaua, tudo eram duuidas, tudo escru-
pulos, tudo perplexidades: quando se diuertio hum pouco
dormindo, serenaram-se as tempestades do animo, & desfez
a verdade a cõfusão, que o trazia perplexo. De maneira q̃
o demasiado cuidado lhe embaraçaua a resoluçãõ, & o mo-
derado descãço lhe resolveo o cuidado. Quando deu a
recreaçãõ aos sentidos, entãõ achou a soluçãõ dos nego-
cios. *Ecce Angelus Domini apparuit in somnis Ioseph.* E como
tambẽ he parte de Rey, no meio dos maiores cuidados, to-
mar algũ descãço; por isso o Anjo quãdo achou dormindo
a S. Ioseph, no meyo dos seus, lhe chamou filho del Rey
Dauid. *Ioseph fili Dauid noli timere.*

Temos acabado a segunda influencia do nosso Planeta,
que foi: Para que o Reyno tiuesse Rey influir ao Rey ca-
lidades, & perfeiçõs reaes. Na applicaçãõ dellas se me of-
ferencia agora larga materia a hum agradavel discurso, se
prẽgara n'outro lugar. Mas aconteece-me hoje o que a Plin-
io cõ a Magestade de Trajano, que a presença de taõ mo-
derado Principe lhe impedia a melhor parte de sua oraçãõ
quasi offendendo cõ o silencio suas virtudes, por nam of-
fender cõ o discurso sua modestia. *Orationem meam ad mo-
destiam Principis moderatioremq̃, submittam, nec minus conside-
rabo quid aures eius pati possint quam quod virtutibus debeat.*
E allã para q̃ os lououres sejaõ só de S. Ioseph; & para q̃ se-
nam falte da nossa parte ao reconhecimento agradecido
das grandes obrigaçõens que lhe deuemos; saibamos que
nam

nam só foram influencias deste benigno Planeta as cali-
 dades do nascimento, senão a conseruação da vida, que sua
 Magestade logre por compridiffimos annos para que con-
 tamos muytos dias destes. Nenhum Rey teue mais arris-
 cada a vida, & com ella o Reyno, que aquelles tres Reys
 que no nascimento de Christo o adoraraõ; porque estauão
 debaixo da jurdição de Herodes, & sogeitos ás temerida-
 des de sua tyrannia. Cõ tudo Deos os leuou por taes cami-
 nhos, que elles cõseruaraõ as vidas, & se restituiram a seus
 Reynos. Mas porque merecimentos? Ouui hũas pa-
 lauras de saõ Hieronymo de poucos atè hoje bem entendi-
 das. *Responsum accipiunt non per Angelum, sed per ipsum Dominũ*
ut meritorum Ioseph priuilegium demonstraretur. Ensinoulhes ^{Math. i.}
 Deos imediatamente o caminho por onde se hauiam ^{Hier.}
 de restituir saluos a seus Reynos, porque se vissem os
 priuilegios de Sam Ioseph: *Vt Ioseph priuilegium demonstra-*
retur. Saluaremse os Reys a pezar do tyranno priuilegio
 dos Reys parece, porque elles o gozaram: pois como
 diz Sam Hieronymo, que naõ foy senaõ priuilegio de S.
 Ioseph: *Vt priuilegium Ioseph demonstraretur?* Como S. Ioseph
 era do Real sangue de Dauid, ainda por força natural
 do sangue estam tam vinculados seus merecimentos
 ao patrocínio das peffoas Reaes, que quando Deos guarda
 os Reys, fallo pelos priuilegios de S. Ioseph. Dos Reys foy
 o beneficio, mas de Sam Ioseph foy o priuilegio. *Vt Ioseph*
priuilegium demonstraretur. Affi que conseruar S. Magestade
 a vida, a pezar do tyranno dentro em suas proprias terras,
 & restituirse a seu Reyno por caminhos taõ outros do que
 se podia esperar: *Per aliã viã reuersi sunt in regionem suã;* for-
 tunas sam de S. Magestade, mas foram priuilegios de S. Io-
 seph. *Vt Ioseph priuilegiũ demonstraretur.* A S. Ioseph deuemos
 a vida, & os annos do Rey q nos deu em seu dia.

Mas quero eu, por fim, q aduertamos, q ainda q n os deu
 o Rey, & os annos, mais lhe deuemos pelos annos, q pelo
 Rey. Ora notai. O Reyno de Portugal, nam se perdeo por
 falta de Rey; perdeose por falta de annos. Nam se perdeo

por falta de Rey, porque nas mãos de dous Reys se perdeo: nas mãos del Rey Dom Sebastiam, & nas mãos del Rey Dom Henrique. Perdeose porem por falta de annos; porque el Rey Dom Henrique tinha tantos annos, que nos nam pode deixar successor: & el Rey Dom Sebastiam tinha tam poucos, que sem nos deixar successor se fi y matar a Africa. E como o Reyno se perdeo por falta de annos, & nam por falta de Rey, nam deuemos tanto a Sam Ioseph pelo Rey como pelos annos. Porque nos deu hum Rey de tal idade, & em tal mediania de annos, qual o hauiamos mister. Nem tam poucos annos como os del Rey Dom Sebastiam, porque auia mister mais annos o gouerno: nem tantos annos como os del Rey D. Henrique, porque hauia mister menos annos a successam. Hum Rey que tuette viuido os annos que bastassem para a esperiencia, & q̃ lhe faltassem por viuer os annos, que são necessarios para a conseruação. Annos maduros para o cõselho, efficaces para a execuçam, robustos para o trabalho, fortes, & animosos para a guerra, em fim annos, que se ham de continuar com muitos, & felicissimos; que de baixo do patrocinio de Ioseph, nam ha annos infelices, ainda que os prometa o tẽpo. Pharaõ sonhou sete annos de fartura, & sete de fome: pozse debaixo do patrocinio de Ioseph, & todos os quatorse annos foram de fartura. De maneira q̃ na preuisão do Rey auia annos felices, & infelices; mas na protecção de Ioseph os felices, & os infelices todos foram ditos. Assim seraõ os annos q̃ esperamos (por mais q̃ o mudo padeça calamidades) felices todos por fauor de S. Ioseph: felices na vida de Ss. Magestades, & Altetas: felices em gloriosas victorias de nossos inimigos: felices na cõseruaçam, & perpetuidade do nosso Reyno: felices em fim na reformação dos custumes, & augmẽto das virtudes Christãs, por meyo da
graça. *Quam mihi, &
vobis, &c.*

L A V S D E O.

T Axam este Sermam em reis.
Lisboa 22. de Outubro de 1644.

Coelho.

Menezes.

72-177
26 May 1972
R. C. Ramer

CA644
V6585

